



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA

MARCIA ANDRÉA SANTANA DE SOUZA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: um olhar retrospectivo e reflexivo sobre
vida e docência**

Belém-PA

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA

MARCIA ANDRÉA SANTANA DE SOUZA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: um olhar retrospectivo com reflexões
sobre vida e docência**

Memorial acadêmico apresentado ao Instituto de Educação Matemática e Científica – IEMCI e à Faculdade de Educação Matemática e Científica - FEMCI da Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens.

Orientadora: Professora Dr^a. Elizabeth Cardoso Gerhardt Manfredo.

Belém-PA

2017

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus filhos Wendell, Glaucia e Aguinaldo Júnior, que foram pacientes em superar os momentos durante os quais precisei me ausentar por causa dos estudos.

Ao meu amado marido, Aguinaldo de Souza, meu “poso”, que esteve ao meu lado em todos os momentos e foi meu grande apoiador me ajudando a não desistir.

À minha mãe, meu pilar maior: França Santana, que com garra lutou e se dedicou em minha criação.

Aos meus irmãos e irmãs. Luís Alberto, Luís Cláudio, Marcos, Marcelo, Maísa, Marluce e Michelli, companheiros de jornada, pois sem eles eu não teria conseguido criar meus filhos.

Aos meus sobrinhos Mônica, Mickaelly, Marcela, Marcelo Júnior e a princesa Isis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela capacidade, força e coragem a mim concedidas para a realização deste trabalho.

Aos meus professores que contribuíram com a construção de minha formação acadêmica e de meus conhecimentos científicos.

À minha orientadora, Elizabeth Manfredo, que me auxiliou na construção deste memorial, mostrando toda a dedicação necessária para que no final o melhor pudesse ser apresentado.

Ao Clube de Desbravadores Harry Fenner da Igreja Adventista do Sétimo Dia, por fazer-me descobrir minhas habilidades e me ajudar a desenvolver à docência.

Por fim, agradeço aos meus colegas de turma dos turnos vespertino e noturno por me apoiarem quando necessário nos projetos e atividades desempenhadas para a formação curricular.

A todos que me apoiaram e se dedicaram fazendo a diferença na construção deste trabalho. Em todos os momentos de minha vida contei com pessoas que me ajudaram a tornar este sonho possível.

Resumo

Este Memorial de formação visa descrever retrospectivamente acontecimentos vividos por uma vida transformada pela educação: A minha vida. Como autora desses escritos, compartilho experiências ao longo de minha vida familiar, ao passo que conto meu processo de formação escolar, acadêmica e profissional. São vivências que, sob o olhar de hoje, pude redimensionar, tendo em vista toda a formação internalizada neste caminhar. Mostro a construção de conhecimentos científicos na academia e como tais saberes levaram-me à reflexão de práticas docentes na perspectiva de suas mudanças, em particular, da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Uma trajetória de vida que perpassa o sofrimento causado pelo *bullying*, e outras recordações, em meio a esses processos de formação e desenvolvimento como pessoa e docente. Mostro a compreensão de teorias que auxiliam meu pensar acerca de uma práxis na educação como professora que se forma finalmente para retomar essa práxis. Relato crenças e valores e as contribuições delas na conquista do maior sonho profissional: a docência. Em momento de reflexão e ressignificação da ética, amor e respeito, pude compreender o valor da experiência como um saber num movimento de ser tocada e transformada por acontecimentos vividos. Acontecimentos que me levaram à procura de respostas especificamente em meu próprio eu e fizeram-me refletir sobre meu papel como agente de mudança na educação. Enfim, todas as experiências relatadas neste memorial- com reflexões sobre momentos dolorosos, desafiantes, felizes e recompensadores- propiciaram a mim um movimento de ressignificação da maneira de ser, estar, pensar e agir no mundo em prol da educação. Ao final dele, posso dizer que venci e que finalmente serei graduada professora para então continuar minha caminhada docente.

Palavras-chave: Reflexão. Experiências. Docência. Memorial

Abstract

This Memorial of Formation aims to describe retrospectively events lived by a life transformed by education: My life. As the author of these writings, I share experiences throughout my family life, while I count my process of academic, academic and professional formation. These are experiences that, under the eyes of today, I was able to resize, considering all the internalized formation in this walk. I show the construction of scientific knowledge in the academy and how these knowledges led me to reflect on teaching practices in the perspective of their changes, in particular, the Youth and Adult Education (EJA). A life trajectory that runs through the suffering caused by bullying, and other memories, in the midst of these processes of formation and development as a person and teacher. I show the understanding of theories that help my thinking about a praxis in education as a teacher who is finally formed to resume this praxis. I report beliefs and values and their contributions in the conquest of the greatest professional dream: teaching. In a moment of reflection and re-signification of ethics, love and respect, I was able to understand the value of experience as a knowing in a movement to be touched and transformed by lived events. Events that led me to search for answers specifically in my own self and made me reflect on my role as a change agent in education. Finally, all the experiences reported in this memorial - with reflections on painful, challenging, happy and rewarding moments - have given me a movement of re-signification of the way of being, being, thinking and acting in the world for the sake of education. At the end of it, I can say that I have won and that I will finally be a teacher and then continue my teaching career.

Keywords: Reflection. Experiences. Teaching. Memorial.

Sumário

1 Apresentação	7
2 Do desabrochar	10
3 Início da vida escolar	10
4 Dos traumas e Castigos e o contexto social	12
5 Origem, causa e formas de prevenção do <i>bullying</i>	14
6 Do Convívio familiar e insucesso escolar	16
7 Do desconhecido ao saber científico	16
8 Dos novos horizontes	19
9 Da gravidez na adolescência	20
10 Do Clube de Desbravadores	21
11 Do Magistério	22
12 Da necessidade de conclusão do ensino médio	23
13 Dos professores no primeiro contato com a EJA	24
14 Do despertar para a Educação Superior	25
14.1 Do Exame Nacional do Ensino Médio	25
14.2 Dos momentos de Glória: aprovação no vestibular	26
15 Do aperfeiçoamento da liderança	27
15.1 Atividades extra curriculares	27
16 Uma vaga pelo sistema de cotas	28
17 Iniciando a formação profissional	29
18 Do estágio extracurricular em escola da rede Adventista de Educação	29
19 A docência na prática e diálogos com a formação na licenciatura	32
19.1 As recompensas na experiência docente	33
20 Dos estágios	36
20.1 Estágio final no curso de Licenciatura Integrada: A EJA	36
21 Do ambiente no estágio da EJA	38
22 Do meu papel como agente de mudança	39
23 Das situações que causam ruídos na educação da EJA	40
24 Das reflexões proporcionadas pelo o estágio na EJA	42
25 Concluindo na perspectiva de um novo recomeço	43
Referências	46

1. Apresentação

Neste Memorial de formação conto minhas experiências formativas vivenciadas ao longo de minha vida de estudante até a educação superior como aluna do curso de Licenciatura integrada em educação em ciências, matemática e linguagens da Universidade Federal do Pará - UFPA, curso no qual busquei uma formação profissional.

A vida acadêmica não é nada fácil. Depois de ter enfrentado dificuldades, as quais não imaginava ser capaz de superar, tenho a possibilidade de concluir o ensino de graduação relatando o longo caminho trilhado até aqui, trazendo retrospectivamente toda minha vida como pessoa e estudante, desde o ensino fundamental até a academia, dando destaque a momentos marcantes do processo. Para uma melhor compreensão destes momentos, destaquei-os com títulos que demonstram a importância da minha história como um “conto que deve ser contado”.

No relato, busco mostrar também a necessidade de atualização constante dos saberes a fim de que eles possam qualificar os fazeres da docência. Descobertas de novos conceitos, que podem levar à visão crítica a respeito das vivências individuais e coletivas, demonstrando que vencer é possível. Nesse sentido, recorro ao legado deixado por Freire (1987, 1992, 1996), e a ideias de White (2004, 2015), autores com quem dialogo e que contribuíram para esse momento de reflexão, reforçando em mim o reconhecimento da importância de uma postura ética e humanizada como alicerce para um sujeito autônomo, altruísta, proativo e eficiente em decisões de transformar a si e a realidade.

No primeiro momento, conto do meu nascimento e circunstâncias de como era constituída minha família. Menciono também Como se deu minha inserção na vida escolar no período do militarismo no Brasil e como este fato alterava a rotina das escolas e a de todos envolvidos. Na sequência, resalto como o *bullying*, dificuldades financeiras, familiares e mudança constante de bairros e conseqüentemente de escolas, colaboraram para o atraso em minha escolaridade e os prejuízos causados em meu desenvolvimento psíquico, emocional e cognitivo.

Ao final do ensino fundamental, discorro sobre minha gravidez e nascimentos dos filhos, fatos que concorreram para a interrupção do sonho de conclusão do ensino médio e do exame vestibular. Em seguida escrevo sobre como consegui superar as dificuldades enfrentadas. Menciono as pessoas que fizeram a diferença neste processo e o retorno à escola.

Relato sobre o trabalho voluntário no Clube de Desbravadores¹ da Igreja Adventista do Sétimo dia e a influência na decisão de me tornar educadora e as possibilidades que se apresentaram, pois desistir nunca. Seria o Magistério a solução?

Dando prosseguimento ao relato, indago: o que me fez voltar a estudar onze anos depois na Educação de Jovens e Adultos? Como será que foi minha readaptação depois de tanto tempo ausente do ambiente escolar e como minha fé influenciou este processo.

Quando trato de um por todos e todos por um relato sobre situações envolvendo o vestibular, Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e como se deu esse processo com minha família, eu na fase adulta e meus filhos no início da juventude.

Comemoração ao entrar e comemoração ao sair como ocorreu nesse período que estive na Universidade? O que os teóricos relatam sobre esta jornada neste ambiente institucionalizado de ensino e como este pode transformar através de experiências? Quais os novos conceitos internalizados que servirão de amparo científico na caminhada profissional como professora.

Finalmente o que levarei comigo e como estas construções desenvolvidas durante todo o percurso de vida, culminando, especialmente, com relato de uma parte do Estágio de docência III, ocorrido no último período de formação profissional na rede pública de ensino, principalmente no que se refere à prática docente da Educação de Jovens e Adultos, e o ambiente favorável ou não à aprendizagem nesta modalidade de ensino. Todas essas experiências levaram-me a ampliar a reflexão de minha práxis² como educadora que vem aprimorando conhecimentos e incorporando novas aprendizagens.

¹ Departamento da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que existe oficialmente desde 1950, presente em mais de 160 países, com 90.000 sedes e mais de dois milhões de participantes, que exerce trabalho voluntário com meninos e meninas com idades entre 10 e 15 anos, de diferentes classes sociais, cor ou religião. Reúnem-se uma vez por semana para aprender a desenvolver talentos, habilidades, percepções e o gosto pela natureza. Praticam atividades ao ar livre. Gostam de acampamentos, caminhadas e explorações nas matas. Demonstram habilidade com a disciplina através de ordem unida, e tem a criatividade despertada pelas artes manuais. Combatem, também, o uso do fumo, álcool e drogas. Trabalham em equipe procurando sempre serem úteis à comunidade. Prestam socorro em calamidades e participam ativamente de campanhas comunitárias para ajudar pessoas carentes. Em tudo o que fazem procuram desenvolver amor a Deus e à Pátria e, além disso, fazem muitos amigos.

² Processo pelo qual uma teoria, lição ou habilidade é executada ou praticada, se convertendo em parte da experiência vivida. A práxis é usada por educadores para descrever um panorama recorrente através de um processo cíclico de aprendizagem experimental. (<http://conceito.de/praxis>)

Fui criança, Tive infância?

Bullying, milho, joelho, chapéu, fel?

Palmatória, tabuada, ajudou?

Minha irmã, o que faltou?

Filhos preciso ensinar, amar, cuidar?

Mas como vou estudar, vai atrapalhar?

Desbravadores o que é isso?

Caminho de novas oportunidades?

Um amor, atenção, carinho?

Vamos juntos de mãos dadas?

Fim ou início de uma nova caminhada?

Universidade Federal do Pará?

Como vou administrar meu tempo?

Aos 40... Será que vou dar conta?

Antropologia, Interdisciplinaridade?

ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal)

Fatores que causam danos no cognitivo?

Vygotsky, ou Piaget? Quem decide é você?

Falar das experiências, alguém vai ligar?

Antiquada? melhor seria ficar calada?

Professora ou Docente?

Título não se discute?

Depende de como você se sente?

Como ser melhor e alcançar aprovação?

E o que acontece com o os sentimentos?

Guardo na alma ou no coração?

Tem que ter grupinho?

E se não conseguir sozinho?

Aproximação, adaptação ou Inclusão?

Processo de aprendizagem, ou domínio da linguagem?

Reaprender a ver os processamentos?

(Des) processando os processos?

Desconstruindo os conhecimentos?

Rever posicionamentos?

Valores e princípios inquestionáveis?

Pesquisar, trabalhar, ser mãe? Como?

Vivências x conhecimentos científicos?

Estou formando, há variáveis?

Vejo-me rondando em várias concepções.

Fico só: “cá com meus botões”

Chapeuzinho vermelho em Manhattan?

Teóricos, para quê tanta teoria?

Artigos, Paulo Freire, EJA?

TCC e tudo acabaria, quem diria?

Consegui?

Lutei, venci?

Defendi? Saí?!

2. Do desabrochar

Meu nascimento se deu em uma família humilde e simples da cidade de Belém, no Estado do Pará, no dia vinte de fevereiro de 1972. Família com pouca estrutura que enfrentava o regime militar do presidente Emílio Garrastazu Médici e do governador Alacid da Silva Nunes.

O fato de não ter feito cursado a educação pré-escolar -algo comum hoje a muitas crianças pobres que adentram o ambiente escolar mais cedo na educação infantil- pode ter dificultado meu processo de aquisição da leitura e escrita, em termos de minha coordenação motora, dada minhas dificuldades construir o traçado das palavras e em desenhar, habilidade esta que eu nunca consegui desenvolver adequadamente.

Após os dois primeiros semestres dentro da universidade - durante os quais estudei as etapas do desenvolvimento e apropriação da língua materna pelas crianças, através de textos e livros tratando sobre alfabetização e letramento Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Magda Soares, dentre outros autores - Passei a perceber a importância desses ambientes escolares alfabetizadores em propiciarem o desenvolvimento cognitivo da criança, de modo a auxiliá-las a vencer dificuldades da própria coordenação motora e a internalizar os códigos que mais tarde as ajudariam a ler e escrever com propriedade.

3. Início da vida escolar

Aos seis anos, em 1978, fui para a primeira escola que ficava localizada no bairro de São Brás, no município de Belém do Pará. Esta escola, a qual terá o nome resguardado neste relato, pertence a uma sociedade civil de caráter filantrópico, educacional e cultural, de assistência social, sem fins lucrativos, e foi fundada em 1947.

Foi nesta instituição assistencial que funcionava somente como escola de ensino fundamental que iniciei meu contato com os conhecimentos científicos, pois os prévios ou espontâneos já haviam sido iniciados em casa com minha mãe, que apesar de não ter estudado além do ginásial, fazia cálculos mentais como ninguém, assim como lia e escrevia muito bem, um exemplo para mim. Nesta escola cursei da primeira a terceira série.

Série era a nomenclatura usada para designar as os anos iniciais de escolaridade nas décadas de setenta e noventa. Hoje, com a implantação do ensino fundamental de nove anos, há a denominação ano para cada tempo cursado pelo aluno do 1º ao 5º anos, assim como do 6º

ao 9º ano. Dentre os vários objetivos desta mudança constava o de se evitar altos índices de reprovações, melhorando o acesso e permanência da criança no ambiente escolar da escolarização inicial. Em relação a isso, em 2011, foi publicada matéria no Correio Braziliense que trata de uma recomendação do Ministério da Educação:

Recomendação do Ministério da Educação (MEC) para que as escolas não reprovem os alunos dos três primeiros anos do ensino fundamental, criando um ciclo de alfabetização. A resolução não tem força de lei, mas trouxe à tona um debate antigo. Governos, organizações e a comunidade escolar voltaram a discutir a eficácia da reprovação, principalmente no período inicial da criança no ensino básico. A orientação do MEC faz parte de uma proposta do Conselho Nacional de Educação (CNE) para a estruturação dos nove anos da educação fundamental.

Esta resolução ajudou muitas crianças dos dois primeiros anos do ensino fundamental a não ficarem retidas e assim progredirem até o terceiro ano, momento em que, caso não alcançassem médias satisfatórias, seriam então reprovadas.

Este fato despertou a minha curiosidade e levou-me a procurar entender sobre o porquê da mudança, e por que tardiamente? por que não foi na minha época? Se assim fosse teriam sido evitados muitos fracassos. Procurei ler sobre a evolução da educação brasileira e descobri que a história está aí para mostrar os resultados e provar a viabilidade ou não de cada lei. A análise de Marçal Ribeiro (1990, p. 15) é bastante pertinente sobre tal questão ao afirmar que:

A educação escolar no Brasil nunca foi considerada como prioridade nacional: ela serviu apenas a uma determinada camada social, em detrimento das outras camadas da sociedade que permaneceram iletradas e sem acesso à escola. Mesmo com a evolução histórico-econômica do país (...); mesmo tendo, ao longo de cinco séculos de história, passado de uma economia agrária-comercial-exportadora para uma economia baseada na industrialização e no desenvolvimento tecnológico; mesmo com as oscilações políticas e revoluções por que passou, o Brasil não priorizou a educação em seus investimentos político-sociais e a estrutura educacional permaneceu substancialmente inalterada até nossos dias, continuando a agir como transmissora da ideologia das elites e atendendo de forma mais ou menos satisfatória apenas a uma pequena parcela da sociedade.

A observância destes fatos são indicadores de que o quadro não mudou muito até hoje. As respostas às minhas perguntas estão contextualizadas no passado e presente da educação brasileira. Tal análise foi necessária devido a questionamentos e reflexões levantadas ao escrever este memorial no final do curso, no coroamento do preparo como futura docente, estando inserida também nesta história contemporânea.

O livro Vida de Professores, organizado por Antônio Sampaio da Nóvoa (1995, pág. 23) traz contribuições relevantes sobre a construção de uma postura reflexiva que um

professor precisa desenvolver: “Enfim, a ordenação de uma vida profissional em sequências, pontuadas de uma série de fases, pressupõe uma continuidade. Ora como acabamos de ver, cada fase constitui essencialmente um novo estado, uma descontinuidade...É verdade entretanto, que uma fase prepara uma etapa seguinte e limita a gama de possibilidades que nela podem desenvolver-se, mas não pode determinar a sua sequência”.

Estas fases demonstram como a ressignificação de saberes, ajudarão ao professor construir sua nova identidade nas futuras práticas transmissivas de conhecimentos. Mostra também que a profissionalização de um educador pode gerar conflitos com ele mesmo e suas metodologias, das possibilidades que lhe ajudarão a delimitar suas próprias características.

4. Dos traumas e castigos e o contexto social

Haviam em algumas instituições, práticas que com o passar do tempo precisaram sofrer ressignificações, pois estas já não serviam mais como transmissoras de conhecimentos, mas que na época nas escolas primárias eram utilizados como forma de castigo. Dessas práticas das quais fui vítima, menciono; o chapéu de burro, o ajoelhar no milho, e o uso da palmatória, que citarei mais adiante. Eram punições ocorridas quando errávamos perguntas, deixávamos de fazer o dever de casa ou éramos desobedientes. No caso do chapéu, as professoras nos colocavam em um banco alto bem na frente da classe, no cantinho de costas pra turma e com o chapéu de papel como de bruxa, que era fabricado só para este fim. Ao utilizarmos o chapéu servíamos de alvo humano para os outros da turma, que nos jogavam bolinhas de papel. Era de fato muito humilhante...

Da mesma forma acontecia com o milho. Neste castigo, ficávamos de joelhos, pelos mesmos motivos, às vezes a aula toda, e nossos joelhos adormeciam e inchavam devido a permanência na mesma posição. Absurdo e desperdício de grãos, já que não funcionava pois frequentemente um aluno era posto lá. O país atravessava uma recessão, não havia como estudar sem uniforme na escola, devido ao regime militar que exigia não só isso mais as cartilhas do ABC, as quais também serviam como motivo para sermos castigados.

Tais práticas não eram reprovadas pela sociedade, inclusive eram justificadas pelos professores. Era comum ouvi-las dizer que os castigos serviam para ajudar o aluno a se comprometer e cumprir suas tarefas a fim de obter êxito sem seus estudos. Desta forma era melhor que sofressem antes para não sofrerem mais tarde na vida. Para os pais, que já

estavam alguns anos envoltos com o regime militar, que era severo neste sentido, não existia anormalidades em seus filhos serem repreendidos nas instituições de ensino pelas professoras.

Nesta época, havia em Belém uma gangue muito violenta chamada a Turma da Bailique. Esta gangue era assim conhecida devido à localização de seu bairro, próximo ao rio, e trapiche que hoje chama-se Bairro da Campina. Diziam que protegiam seu bairro da invasão de outras gangues, fato muito comum em Belém nos anos de 1960 e 1970 em bairros populosos. Seus membros não usavam armas, só alicates e ferros. Armados desses objetos invadiam lugares públicos aterrorizando a todos, e arrancando os bicos dos seios das mulheres que encontravam, e também estouravam os lábios dos homens.

Infelizmente presenciei um fato destes na escola durante o período em que cursava o segundo ano. Com certeza não é uma cena da qual gosto de lembrar, mas faz parte de minhas lembranças de forma positiva, cabendo ser mencionada. Não devemos ignorar os prejuízos que tais cenas de violência podem causar em uma mente em pleno desenvolvimento.

O início é importante para qualquer um, afirmou Pierre Bourdieu quando entrevistado por uma professora de Antropologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em 1999, ao considerar que formamos nossa personalidade e criamos nossa própria visão do mundo real durante os primeiros anos até a juventude.

A segurança que um aluno deve sentir na escola que estuda o auxilia no desenvolvimento de emoções positivas como a afetividade, como afirmava Piaget (2007), e que a criança ao assimilar, forma suas estruturas interagindo com outros, formando seus relacionamentos no meio no qual está inserido. Desse modo, em que lhe é proporcionada alegrias, sua retribuição é aprender rápido e melhor. O papel da escola como instituição de ensino e de valores precisa ser definida de forma clara na mente de seu alunado, e isto inclui proteção e cuidar do bem estar de seus frequentadores.

Tal como Praxedes (2015) aponta, é a partir da convivência com outras pessoas que podemos, de fato, nos tornar seres sociais. O processo de socialização se dá nas relações de afetividade e aprendizagem e, é por meio dele que nos tornamos agentes humanos, com costumes e modos de agir daqueles que integram nossas relações de convivência. Pode-se dizer então, que nossa formação como pessoa parte de fragmentos da formação das outras pessoas presentes em nosso convívio. Portanto, por meio de um processo de trocas de experiências, contribuimos para o desenvolvimento de outras pessoas, propiciando a consolidação do processo de construção de cada indivíduo na sociedade.

O fato de conviver na mesma série com crianças mais velhas e altas, e com o contexto social que a escola refletia, corroborou o fato de me tornar vítima de *bullying* em quase todo período que frequentei esta instituição. Algumas vezes cheguei até mesmo a sofrer agressões físicas de uma das alunas que ali frequentava. Acontecia quase todos dias. Furtava meu dinheiro do lanche, materiais escolares, às vezes a passagem de ônibus. Não falava para ninguém, tinha vergonha eu acho, por sofrer ameaças por parte da agressora que dizia que não adiantava me esconder, ela sempre ia dar um jeito de me encontrar, foram longos e terríveis anos de perseguições.

Sobre isso Waldir Ferreira de Abreu, citando Gonçalves (1979, p.110) comenta que “os bairros de Belém apresentavam um grande índice de marginalidade infanto juvenil provocado pelo êxodo rural, muito comum nos anos setenta, dada a política rural do governo militar”. A instituição onde eu estudava era reformatória, mantinha convênio com o governo, e desenvolvia um projeto naquela época com crianças de ruas abrigando-as, algumas moravam na escola, sendo as irmãs as suas cuidadoras. Floresta (1889, p.57-58), importante poetisa, escritora e educadora oitocentista, que fez parte deste grupo de pesquisadores sobre as instituições, alega que “as escolas de ensino primário tinham antes o aspecto de casas penitenciárias do que de casas de educação”.

5. Origem, causa e prevenção do *bullying*

Não havia nenhum trabalho voltado na escola para que não houvesse estes fatos outrora recorrentes, pois as pessoas que ali trabalhavam não tinham tempo para ações de combate ao ***bullying***, ou a **violência** na instituição e nem se falava deste assunto na escola, pelo menos, eu nunca ouvi.

Apesar de ter vivido em minha infância esta realidade, os estudiosos e pesquisadores tratam do tema de maneira presente. Sobre o *bullying*, na opinião de Alessandro Costantini (2004, p. 69), que diz que é Um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com a vítima predestinada. Isto quer dizer que entre os jovens sempre há a escolha do alvo correto.

Este tipo de violência conforme o autor afirma parte de um grupo, ou do aluno dito mais forte, sobre aquele que o grupo ou o fortão acha mais fraco entre os outros, o indefeso, diferente demonstrando que há uma escolha prévia de um alvo. As situações que geralmente ocorrem são de constrangimento, preconceituosas e exclusivas neste sujeito, que com certeza terá sua vida marcada por tais ações para sempre.

Infelizmente ainda se percebe que o *bullying* e a violência, ocorrem de diferentes formas no ambiente escolar. Por mais que na atualidade o assunto seja pauta de várias campanhas, ainda se tornam necessários mais projetos nestes ambientes institucionalizados, como também divulgação nos meios de comunicação, que na época era escassa.

Segundo Cleo Fante (2005, p. 09):

O *bullying*, que sutilmente vem se disseminando entre os ambientes escolares, cresce e envolve, de forma quase epidêmica, um número cada vez maior de alunos. Sua ação maléfica traumatiza o psiquismo de suas vítimas, provocando um conjunto de sinais e sintomas muito específicos, caracterizando uma nova síndrome, [...] Síndrome de Maus-Tratos Repetitivos - SMAR.

Esta forma de violência, abusos, maus-tratos, sofridos pela criança que deveria ser cuidada e preservada por aqueles que ama ou pela sociedade, deixa cicatrizes profundas. Sujeita a isso, torna-se incapaz de superar tais lesões durante todo seu desenvolvimento. As consequências vão desde a forma como se alimenta, refletindo na sua saúde, baixo autoestima, até o seu convívio no meio social.

Uma possibilidade para o combate ao *bullying* seria a produção de cartilhas informativas ou um canal para denúncias anônimas, objetivando orientar, combater e inibir mais violência no ambiente escolar. As vítimas de *bullying* e violência escolar sofrem danos físicos, intelectuais e emocionais, podendo comprometer a aprendizagem, a autoestima entre outros. Para Cleo Fante (2005, p. 213):

A educação deve ser o caminho que conduz à paz. A solidariedade, a tolerância e o amor são os ingredientes que compõem o antídoto contra a violência e que deve ser aplicado no coração de cada criança, de cada adolescente, de cada jovem, enfim, no coração de todos os seres humanos, em especial no coração daqueles que se dedicam à arte de educar.

O amor pode e deve ser um sentimento usado como agente de mudança, de combate ao *bullying*, através de campanhas de diálogos, roda de conversas, etc. Outra maneira de usar o amor de modo que seja promotor de resultados satisfatórios, seria ensinar sobre a tolerância e a aceitação do outro não importa como ele seja. A ideia deve ser de que todos sejam iguais e

dignos de estar e frequentar ambientes institucionalizados ou não. Pensar assim e promover tais atitudes demonstra comprometimento com a educação.

6. Do Convívio familiar e insucesso escolar

No ano de 1981, meus pais que já não vinham bem resolveram separar-se. Eu estava com oito anos de idade, com isso perdi o ano que já havia começado na escola anterior. Reiniciei com nove anos, a quarta série na Escola da rede pública no Conjunto Cidade Nova II, no ano seguinte. Nesta escola estudei por dois anos. A escola tinha uma quadra e espaço físico amplo e agradável, com mais salas de aulas e, o mais importante, meus dois irmãos agora estudavam comigo e sentia-me protegida. Importante mencionar sobre esta escola era a sua localização. Ficava mais afastada do centro da cidade, então o ambiente parecia rural. Os lanches eram sopas deliciosas, e sucos de frutas. Cuidávamos de uma horta no fundo da escola nas aulas de uma matéria que se chamava Técnicas agrícolas. Um trabalho que era desenvolvido pelo professor de educação física, nas horas de suas aulas. Nesses momentos, aprendi alguns cuidados com a terra e como plantar legumes e algumas frutas.

O manejar da terra ajudou a mim e outros alunos a pensarmos sobre conscientização e preservação ambiental. Hoje em dia, como estudante concluinte do ensino superior, valorizo práticas como essas criando, inventando aulas nas quais isso possa ser possibilitado ao aluno. Esta percepção do quanto é importante levar o aluno a ter suas próprias experiências, permitem-me fazê-lo avançar da teoria para a prática, através daquilo ensinado, auxiliando-o na internalização dos conteúdos, fugindo do contexto tradicional de ensino e atentando ao que deve ser ensinado no currículo escolar.

7. Do desconhecido ao saber científico

Gostaria de falar um pouco de minha irmã e de suas dificuldades de aprendizado devido sua deficiência mental, retardo e autismo. Ela, um ano mais nova que eu, ia comigo para a escola que possuía atendimento especializado para alunos deficientes. Após levá-la até à escola, deixava-a na sala de alunos especiais com a professora, e seguia para minha sala. Todo dia precisava fazer isso para que ela aprendesse também a ler e a escrever.

Durante o tempo que estudei ali, minha irmã desenvolveu um pouco da fala, coordenação motora e outras habilidades. Sei que ela gostava de lá, mas infelizmente, por ter

pouca idade e não saber lidar com suas dificuldades, acabei desistindo de levá-la. Ela necessitava de banho, eu precisava arrumá-la e, devido sua dificuldade de locomoção, geralmente nos atrasávamos. Sinto-me triste com relação a isso, pois se eu tivesse persistido talvez ela tivesse sido alfabetizada e quem sabe tivesse desenvolvido a leitura. Eu não possuía esclarecimento nenhum e era difícil assumir toda aquela responsabilidade, afinal era uma criança cuidando de outra criança.

Hoje através das leituras que foram necessárias nos quatro anos do curso de Licenciatura Integrada em Educação em ciências, matemática e linguagem sobre a teoria do desenvolvimento cognitivo e da aprendizagem de Vygotsky, posso afirmar que o desenvolvimento cognitivo do sujeito se dá por meio da interação social, ou seja, de sua interação com outros indivíduos e com o meio, e a teoria da zona do desenvolvimento proximal se aplica a ela. Existe também a teoria de Jean Piaget, para explicar o desenvolvimento intelectual, que partiu da ideia de que os atos biológicos são atos de adaptação ao meio físico e organizações do meio ambiente, sempre procurando manter um equilíbrio.

Assim, Piaget entende que o desenvolvimento intelectual age do mesmo modo que o desenvolvimento biológico (PIAGET, 1952, apud WADSWORTH, 1996, p. 7). A atividade intelectual não pode ser separada do funcionamento "total" do organismo. Essas teorias conhecidas e estudadas no curso serão capazes de amparar minha irmã no tocante ao seu desenvolvimento em termos psíquicos, motores e cognitivos.

Ela, mesmo com todas as dificuldades, conseguiu desenvolver a fala, um modo de comunicar-se sem ajuda profissional. Descobriu tudo na convivência conosco, ao ouvir os irmãos e demais pessoas falando e tudo mais. Por isso digo que minha irmã é uma sobrevivente, uma vitoriosa. Ainda há muito que fazer para que ela possa aprender mais e se desenvolver melhor. Assim que puder vou me dedicar a ajudá-la, pois tudo o que estudei, estou estudando e ainda vou estudar vai servir para isso. Moura (1999, p.180), sobre a temática da interação social afirma que:

A tese fundamental defendida por Vygotsky é a de que das formas de vidas coletivas surgem os comportamentos individuais. Há uma conversão das relações sociais em funções psíquicas: as funções se constroem primeiro no coletivo, em forma de relações entre as crianças, depois se convertem em funções psíquicas da personalidade.

Sendo, assim cabe dizer que o desenvolvimento de uma criança é um processo de construção em várias situações a partir das quais ela se torna capaz de transformar as

informações captadas em seu cotidiano, passando do plano intersíquico para o intrapsíquico, ou seja, são estímulos do ambiente que passam a compor o pensamento do sujeito. Pode-se, dessa forma, afirmar que este sujeito absorve os conhecimentos em nível social e depois internaliza, construindo suas próprias informações e alicerçando sua personalidade.

Nessa época eu não tinha tempo para estudar, pois minha mãe trabalhava muito para dar conta de nosso sustento e eu, como irmã mais velha, tomava conta dos cinco irmãos mais novos, o que me atrapalhava especialmente nos testes de matemática. Deixe-me explicar. Às sextas feiras havia na escola um tipo de disputa de quem sabia mais tabuada, atividade comum na década de oitenta nas escolas públicas. Então uma semana antes a professora avisava qual seria a tabuada que ela cobraria. Na data que ela marcava chamava de dois em dois até sua mesa e fazia as perguntas de forma salteada e rápida.

O problema estava em quem errava, pois ela tinha uma palmatória grossa e pesada, então mesmo sem ter muito tempo para estudar eu decorava toda a tabuada, por medo de levar bolo nas mãos, não queria mais apanhar e me esforçava muito principalmente na tabuada de multiplicar, pois as perguntas mais frequentes eram sobre ela.

Batia mais que apanhava, e caso não batesse na mão do colega que errava as perguntas eu apanhava da professora. Meu irmão, que nestas alturas estudava comigo, sofria bastante. A professora fazia questão de sempre chamar nós dois, parecia perseguição. Posso dizer que gostava das disputas, mas não da palmatória, que era grossa e pesada, causando bastante dor.

Esta prática de algumas professoras nas décadas de setenta e oitenta, eram usadas como forma de ensinar e desenvolver a inteligência. Agora, como futura educadora percebo que aquele método não era uma metodologia adequada, apesar de ter sido usada naquele momento histórico com objetivo de ensinar corretamente. Em minhas lembranças, tenho o castigo, como uma forma opressora de violência para que a ordem e disciplina fossem impostas aos alunos pelos professores durante o regime militar. Chego a esta conclusão, pois o número de alunos reprovados era grande, muitos faltavam as aulas das sextas-feiras, dia em que era realizada a sabatina.

Sobre o uso da palmatória nas escolas no final do século XIX e início do século XX, Floresta (2015, p. 57-58) comenta:

O método da palmatória e da vara era geralmente adotado como o melhor incentivo para o desenvolvimento da inteligência! Não era raro ver-se nessas escolas o bárbaro uso de estender o menino, que não havia bem cumprido os seus deveres escolares, em um banco, e aplicarem-lhe o vergonhoso castigo do açoite!! A palmatória era o

castigo menos afrontoso reservado às meninas por mulheres, em grande parte, grosseiras, que faziam uso de palavras indecorosas, lançando-as ao rosto das discípulas, onde ousavam imprimir alguma vez a mão, sem nenhum respeito para com a decência, nem o menor acatamento ao importante magistério, que sem compreender exerciam.

Existem metodologias mais simples e claras para o ensino do currículo de matemática, ou de qualquer outro assunto. Aprendi sobre isso nas explicações dos professores sobre eixos que abordaram a ludicidade como proposta de ensino na universidade. A formação docente precisa estar alicerçada em situações que propiciem, fundamentalmente, a reflexão sobre a prática. Acerca da concepção do perfil do professor reflexivo, Freire (2002, p. 44) contribui ao afirmar que: “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática”.

8. Dos novos horizontes

Fui matriculada em uma outra escola, aos doze anos por motivos alheios a mim. Nela fiz a sexta série, durante a qual tive muita dificuldade em matemática, a ponto de repetir esta série. Como minha idade já havia extrapolado o limite para que eu permanecesse nos horários diurnos e ditos normais, precisei novamente mudar de instituição de ensino. Aos dezesseis anos ingressei no mercado de trabalho para ajudar no custeio dos materiais escolares e também das passagens de ônibus, uma vez que a escola ficava em um bairro afastado de minha casa. Devido ao trabalho, passei a frequentar a escola no turno da noite, turno durante o qual cursei a sétima e oitava série do ensino fundamental.

Destaco neste período de dois anos que ali frequentei a persistência em continuar estudando, haja vista que estudar e trabalhar são tarefas bem cansativas quando feitas ao mesmo tempo. Mas para que houvesse mudança de vida, principalmente no aspecto sócio-econômico, precisava persistir em minha trajetória, tendo a educação como solução.

Esta escola possuía um regime de monitoria no qual o aluno, com dificuldade nas matérias, poderia buscar auxílio de seus professores, desde que fosse durante o horário regular de estudos. Por diversas vezes recorri a esse sistema, quando inclusive fiquei em recuperação, em física e química. As repetências, as notas vermelhas no boletim e as frequentes recuperações, me deixavam cabisbaixa e constrangida. Quando os professores tinham os resultados das notas, eles chamavam o aluno em voz alta e diziam quanto havia tirado. Eu

ficava muito triste comigo. Sem contar que os colegas aproveitavam para zombar, trazendo à tona as lembranças da violência sofrida no ensino fundamental. Mas não havia nada que eu pudesse fazer. Eu precisava trabalhar para ajudar a me manter, inclusive adquirir roupas, para sentir-me aceita pelos grupos com quem interagia, queria fazer parte deles.

9. Da gravidez na adolescência

Aos 18 anos engravidei do meu primeiro filho de um relacionamento passageiro com um namorado que estudava na mesma escola. Havia acabado de ingressar no primeiro ano do ensino médio, e como consequência da gravidez abandonei os estudos. A partir deste momento as mudanças foram progressivas. Parei de trabalhar, então não tinha mais como custear meus estudos nem minha mãe poderia me auxiliar. Seria mais uma jovem mãe solteira que entraria nas estatísticas do IBGE³. Sobre isso, Ana Garcia Dias (2010, p. 128) afirma:

Sabe-se, também, que as demandas da gestação e da maternidade implicam diversas transformações no modo de vida das adolescentes, o que acaba limitando ou prejudicando o seu envolvimento em atividades importantes para o seu desenvolvimento durante esse período da vida, como escola e lazer.

Essa pesquisadora aborda diversos pontos que podem envolver uma gravidez na adolescência e como isso pode causar danos em todos os meios nos quais a adolescente está envolvida, incluindo a desconstrução de seus sonhos de formação ou aquisição de status perante as camadas sociais em que está inserida.

E a pesquisadora continua a afirmar que:

Em camadas sociais mais abastadas, por exemplo, a gravidez na adolescência tende a não prejudicar tanto o percurso de escolarização e profissionalização das jovens quanto nas camadas menos favorecidas, em virtude da maior disponibilidade de recursos e apoios para lidar com essa situação e suas demandas. Dessa forma, a perspectiva de futuro das adolescentes grávidas de classe média não afetadas tão intensamente quanto a perspectiva das adolescentes das classe baixa, considerando-se os aspectos de escolarização e profissionalização.

Isto quer dizer que os danos causados na adolescência por uma gravidez podem independer do nível socioeconômico da pessoa. Quanto mais recursos tiver a família, menos a escolarização ou profissão da pessoa serão prejudicadas. Mas as adolescentes de classe baixa, por não possuírem recursos financeiros, terão seu futuro em todos os aspectos comprometidos.

³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Ao meu filho completar um mês de nascido, voltei ao ambiente escolar para terminar o primeiro ano do ensino médio. Após a conclusão não havia mais interesse em continuar meus estudos, minhas prioridades agora eram outras e estudar estava fora de cogitação.

10. Do Clube de Desbravadores

Surge a oportunidade de termos nossa própria casa. Ela era de madeira, com um compartimento somente, em uma área de invasão, no bairro de Jaderlândia em Ananindeua. Mudamos para lá. Neste contexto, surge o convite para participar de um trabalho voluntário com o Clube de Desbravadores, o qual atende até hoje meninos e meninas de 10 a 15 anos, realizando programas recreativos e lúdicos na comunidade e eu aceitei. Fiquei surpresa ao saber que o trabalho voluntário envolvia atividades, tais como: acampamentos, passeios, desfiles, coleção de insetos, estudando suas características, e ao final recebiam um insígnia dizendo que eram especialistas naquele assunto. Tudo isso era realizado em uma comunidade carente e o trabalho era desenvolvido com poucos recursos financeiros advindos, principalmente, de vendas que os próprios líderes voluntários realizavam.

Foi um recomeço para mim e no Clube de Desbravadores descobri uma realidade completamente diferente que auxiliaria em meu desenvolvimento intelectual, de habilidades, e capacidades, que embora pudesse ter, não havia sido estimulada. Desenvolvi valores como respeito, integridade e amor ao próximo. Um estilo de vida mais saudável, consciente e significativo, senti-me parte do processo, que agora sei que era e é coordenado de forma participativa e pedagógica.

A respeito deste assunto White (2015, p. 10) escreveu:

Em vez de limitar seu estudo ao que as pessoas têm dito ou escrito, sejam os estudantes encaminhados a fonte da verdade, aos vastos campos abertos para a pesquisa, na natureza e na revelação. Que contemplem as grandes realidades do dever e da vida e a mente se expandirá e se fortalecerá. Em vez de fracoss escolarizados, as instituições de ensino poderão produzir homens fortes para pensar e agir, homens que sejam senhores e não escravos da circunstâncias, que possuam mente ampla, clareza de pensamento e coragem nas convicções.

Eram estes os ideais que almejava para meus filhos e todas as crianças que participavam do Clube. Vida de pesquisa em meio a natureza, desenvolvendo a prática de valores que seriam produzidos em meio ao fortalecimento de um caráter forte e disposto. Penso que todos precisavam destes princípios para aprender a lutar por seus objetivos, contribuindo para que se tornassem agentes de mudança no meio em que se desenvolviam.

As práticas sociais, estratégias e desenvoltura em falar em público foram estimuladas a partir dos projetos executados nas comunidades do Jaderlândia e Parque São Francisco, uma área anexa à invasão do Jaderlândia, que a entidade atendia. As pessoas que me receberam serviram como mediadoras no processo de desenvolvimento ético e moral, oportunizando minha evolução como sujeito e emancipação de meus conhecimentos.

Em relação a este fatos White (2015, p. 20) afirma que:

O verdadeiro educador não se satisfaz com trabalho de segunda categoria. Não se contenta em conduzir seus alunos a um padrão mais baixo de que o mais elevado que lhes é possível atingir. Não pode se contentar em transmitir-lhes apenas conhecimento técnicos, fazendo deles meramente hábeis contabilistas, importantes artistas e prósperos homens de negócio. Seu propósito é inculcar-lhes os princípios da verdade, obediência, honra, integridade e pureza – Princípios que deles farão uma força positiva para a estabilidade e o reerguimento da sociedade.

Ao analisar o papel do clube, percebo que ele funcionava na comunidade como o clube de ciências funciona na Universidade. Nele, o aprimoramento de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades dos menores, eram aguçados através de pesquisas, leituras de livros e escrita que precisavam elaborar em forma de relatórios para preenchimento de seus cadernos de atividades. Para alguns servia mesmo como clube escola devido às aulas semanais ministradas para todos quantos necessitassem. Neste ambiente éramos docentes, estabelecendo intermediação entre os conhecimentos prévios e os científicos. Envolvida neste ambiente de amor e de dedicação ao próximo, percebi que necessitaria voltar ao ambiente escolar para auxiliar nos projetos, haja vista que a maioria dos sujeitos atendidos pelo Clube de desbravadores era de crianças e adolescentes carentes, ávidos por encontrar ajuda para seus problemas, os mais variados possíveis.

11. O Magistério

A medida que o tempo passava, as experiências tornaram meu sonho por uma profissão mais vivo. Mas o desejo foi mais uma vez adiado, pois engravidei novamente de um novo relacionamento que mais uma vez não deu certo e agora esperava uma menina. Durante a infância de meus filhos percebi que se eu tivesse mais formação poderia auxiliá-los na aquisição da leitura, enfim em todos os aspectos da alfabetização. Esta necessidade de contribuir e praticar ações colaborativas com eles e também com os desbravadores, aliada a minha necessidade de possuir conhecimentos científicos e ampliar minhas possibilidades de inserir-me no mercado de trabalho, foi a centelha para o meu retorno a sala de aula.

De volta à escola para tentar concluir o ensino médio, matriculei-me em uma turma de magistério à noite. Havia uma professora muito dinâmica que discorria sobre assuntos de Didática e Metodologia da Prática de Ensino, temas bem interessantes, que me reportava à metodologia empregada do Clube de Desbravadores. Infelizmente eu não conseguia ser assídua às aulas, devido meus filhos serem pequenos, tanto que mal consigo lembrar as demais temáticas. Na verdade sinto como se este momento de formação no magistério não fizesse parte de minha história. Acabei interrompendo os estudos.

12. Da necessidade de conclusão do ensino médio

A necessidade de continuidade dos estudos era latente, haja vista que os filhos, progrediam e precisavam de auxílio em suas atividades escolares e eu não dominava esses conhecimentos e nem conseguia obtê-los através de pesquisas em livros que possuía em casa, e tudo isso impossibilitava uma melhor interação com eles. Buscava em minha irmã, que já era professora formada, socorro para que ela os auxiliasse, fato que me incomodava bastante.

Em 2007 uma grande mudança ocorreu em minha vida. Conheci a pessoa que se tornaria meu maior apoiador auxiliando-me naquilo que precisasse. Era anjo da guarda enviado para me ajudar a superar as dificuldades, meu esposo Aguinaldo. Conhecendo meu sonho de prestar vestibular, passou a incentivar e auxiliar meu retorno aos estudos.

Nessa época, eu já trabalhava em uma cantina de uma escola particular, e era com esse dinheiro que ajudava no orçamento familiar, pagava o cursinho do meu filho mais velho. Ardía o desejo de voltar a estudar e concluir pelo menos o ensino médio agora com uma nova perspectiva, obter qualificação, conseguir um emprego e sustentar meus filhos com mais dignidade.

Meu filho mais velho passou no vestibular na segunda tentativa em Agronomia na Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA em 2009. Meu marido, foi aprovado no curso de Bacharelado em Sistema de Informação também na Universidade Federal Rural da Amazônia. Minha filha e enteado estavam no ensino Médio e eu? Nada mais me impedia de cumprir meu desejo.

Assim como eu muitas pessoas vivem este conflito, de almejar novos horizontes, mas não conseguem se desvencilhar das tradições, de cuidar da família, zelar pelo lar, superar a si mesmo. Sobre esta ação vale o que assinala Freire (1987, p.19):

A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se. Esta superação não pode dar-se, porém, em termos puramente idealistas. Se se faz indispensável aos oprimidos, para a luta por sua libertação, que a realidade concreta de opressão já não seja para eles uma espécie de “mundo fechado” (em que se gera o seu medo da liberdade) do qual não pudessem sair, mas uma situação que apenas os limita e que eles podem transformar, é fundamental, então, que, ao reconhecerem o limite que a realidade opressora lhes impõe, tenham, neste reconhecimento, o motor de sua ação libertadora.

A necessidade de grandes conquistas é a alavanca que nos impulsiona a ir além dos nossos limites, mesmo que para tal tenhamos que quebrar paradigmas, romper barreiras e com todas as forças buscar alcançar nossos objetivos.

Fortalecida e determinada voltei ao ambiente escolar. Matriculei-me novamente e desta feita no programa de Educação de Jovens e Adultos - EJA, na primeira etapa do ensino médio, à noite. Logo de início a adaptação foi dolorosa. A maioria dos alunos da EJA eram senhores e senhoras como eu, que buscavam se adequar às novas didáticas dos professores, mas existiam os jovens, moças e rapazes que não tinham muita paciência em nos ajudar, ou de nos inserir no contexto de trabalhos escolares. Senti-me totalmente perdida, principalmente quando os alunos mais jovens, se saíam melhores em tudo, enquanto eu estava tentando me adaptar às novas práticas.

13. Dos professores no primeiro contato com a EJA

A realidade do ensino público é bastante desoladora para o professor. A maioria deles se desdobram de uma escola para outra a fim de preencher carga horária em busca de uma remuneração melhor. Com isso chegam ao turno da noite, cansados, estressados, com fome, e se deparam com turmas de alunos diversos, com idades e desenvolvimento intelectuais diferentes. Não obstante esses fatores, o professor precisa ensiná-los e avalia-los. Mesmo com todas essas dificuldades, havia uma professora de língua portuguesa e literatura que se empenhava bastante em nos ensinar as complexidades e variações dessas matérias. Foi então que descobri o gosto particular pela língua portuguesa. Não sei se foi a forma como a professora se dedicava a ensinar, ou a paixão que demonstrava pela nossa língua, que me conquistou, fazendo-me decidir que iria fazer vestibular para me tornar professora de língua portuguesa, e meu ideal era dar aula para turmas da EJA. Com o intuito de auxiliar na aprendizagem e desenvolvimento de pessoas que como eu persistiam em terminar seus

estudos e sonhar com um diploma de universidade, qualificação necessária para exercer a função.

Em relação a isso Freire (1992, p.31) afirma que:

É preciso que o(a) educador(a) saiba que o seu "aqui" e o seu "agora" são quase sempre o "lá" do educando, Mesmo que o sonho do(a) educador(a) seja não somente tornar o seu "aqui-agora", o seu saber, acessível ao educando, mas ir mais além de seu "aqui-agora" com ele ou compreender, feliz, que o educando ultrapasse o seu "aqui", para que este sonho se realize tem que partir do "aqui" do educando e não do seu. No mínimo, tem de levar em consideração a existência do "aqui" do educando e respeitá-lo. No fundo, ninguém chega lá, partindo de lá, mas de um certo aqui. Isto significa, em última análise, que não é possível ao(a) educador(a) desconhecer, subestimar ou negar os "saberes de experiência feitos" com que os educandos chegam à escola.

Em qualquer prática educativa do educador, este precisa levar em consideração os conhecimentos prévios de seu alunado fazendo-os coparticipantes de sua evolução como pessoa e como sujeito do aprendizado. Deste ponto torna-se necessário um processo de abstração de seus conhecimentos prévios e a transformação destes para os conhecimentos científicos. Assim era como me sentia em relação a professora que despertou minha vontade de me dedicar ao estudo da Língua portuguesa.

Nos dois anos que estudei na EJA, aos poucos me tornei mais obstinada em meus propósitos de desenvolver, aprender superar minhas dificuldades. Havia conquistado o respeito dos colegas de classe conciliando as funções de trabalhadora, dona de casa e estudante.

14 Do despertar para a Educação Superior

14.1 Do Exame Nacional do Ensino Médio

No último ano da EJA, sendo meu filho e meu marido universitários, e meus outros dois filhos preparando-se para prestar o vestibular e realizar a prova do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, resolvi aceitar o desafio de fazer o ENEM junto com eles, afinal se eu obtivesse uma boa nota me possibilitaria a conclusão do ensino médio e a realização do sonho de ser professora, e ainda mostraria a meus filhos que se eu conseguisse eles também poderiam. E foi o que aconteceu, contando com o apoio do meu marido que fez nossas inscrições, e também a dele, para nos acompanhar. E assim seguimos adiante.

Para me preparar para a prova do ENEM, meu esposo nos escreveu em várias provas de outras faculdades particulares para testar conhecimentos, passamos em todas elas. Em uma até cheguei a me matricular em pedagogia, caso não passasse em nenhuma pública, teria uma segunda opção.

No dia da prova o primeiro desafio. Por sermos Adventistas do Sétimo Dia, portanto sabatistas, realizaríamos a prova em um horário diferenciado dos demais. Entramos no local de prova na mesma hora que todos os outros candidatos, permanecemos reclusos em salas separadas saindo apenas para ir ao banheiro, se fosse realmente necessário. Foi difícil, mas meus filhos precisavam sentir em mim a força necessária para continuar. Como fui a primeira a sair esperei o restante da família para irmos juntos para casa. Quando meus filhos me viram ali de pé esperando por eles após aquele longo período de prova, percebi a surpresa em seus olhares. Então sorri para eles, senti como se todo o resto não importasse, conseguimos vencer a primeira fase.

O segundo dia de provas foi mais tranquilo, mas, confesso que assim como na primeira, não consegui compreender muita coisa, as questões muito extensas dificultaram bastante na escolha da resposta. Os conhecimentos adquiridos ao longo da vida com as contas de luz, assistindo jornais ou mesmo lendo aqueles livros em casa me ajudaram a entender algumas questões e estas valiam mais pontos. Hoje sei que tais conhecimentos são chamados de conhecimentos prévios. Foram quarenta anos me preparando para este momento ímpar, e ao lado de minha família não poderia fraquejar, demonstrar qualquer sinal de desistência. Era a grande chance de minha vida.

14.2 Dos momentos de Glória: aprovação no vestibular

Era um sábado de Janeiro de 2013, quando saiu o resultado do vestibular. Como de costume, eu estava na igreja e minha filha, ao me ver chegar em casa, saiu ao meu encontro chorando e dizendo que um amigo havia ouvido o meu nome no rádio e que eu havia passado na Universidade Federal do Pará - UFPA. Não consigo colocar em palavras meus sentimentos, até hoje me emociono. Quase desmaiei, meu marido me apoiou quando fui ao chão gritando em gratidão a Deus pela conquista. Finalmente havia conseguido!

Meus filhos não foram aprovados na UFPA, mas isso não foi motivo para que a minha vitória não fosse comemorada em grande estilo, com muito churrasco, família e tudo que eu tinha direito por todas as tentativas de retomar e concluir meus estudos.

A tristeza de saber que meus filhos não haviam passado durou pouco, pois os dois foram aprovados na Universidade Estadual do Pará. O meu enteado em Licenciatura Plena em Ciências Naturais Física que era o sonho dele, e minha filha em Fisioterapia.

Quando retornei à escola naquela semana muito feliz e professores souberam que eu havia passado infelizmente não foi como eu esperava. Naquela ocasião, outra colega havia também passado, mas no curso de Letras, com especialização em Espanhol. Meus professores fizeram comparações, deixando claro que o curso dela seria mais conhecido e abrangente que o meu, um curso novo e pouco conhecido e reconhecido. A forma como esses professores reagiram foi amargo como fel.

Este episódio me marcou profundamente, e prometi não repeti esse tipo de comportamento com os meus futuros alunos, seria uma agente de mudança, e de esperança também. Reconheceria as conquistas dos meus futuros alunos. Os incentivaria a querer sempre mais e mais e buscar oportunidades que cada um pudesse vir a ter.

15. Do aperfeiçoamento da liderança

15.1 Atividades extra curriculares

Depois de perceber que sem lutas não há vitórias e que o gosto da vitória era maravilhoso, corri atrás de outra grande conquista, mas agora no Clube de Desbravadores. Neste espaço, existem três fases de liderança, Líder, Líder Master e Líder Master Avançado.

No clube são realizados projetos de modo a envolver as comunidades, com muito estudo da natureza, projetos comunitários, família, sexualidade, cuidados com o corpo reciclagem, respeito à pátria. Eu já era Líder Master, mas sonhava com o grau de master avançado. Iniciei o processo que levou cerca de oito anos de formação continuada em que me dediquei antes e depois de entrar no curso de licenciatura.

Para que houvesse reconhecimento aos feitos e depois de aprovada por uma mesa julgadora que envolvia líderes de vários estados do Brasil, precisei preencher um cartão com muitos requisitos e para minha felicidade fui aprovada. Viajei com meu esposo amado para a cidade de Barretos em São Paulo, onde ocorreu a cerimônia de certificação e condecoração.

Esta foi outra conquista que me oportunizou, a desenvoltura que seria necessária na universidade para fins de construir projetos, falar em público, elaborar planos de aulas, o cuidado que se deve ter em tratar crianças e jovens relativamente à docência.

16. Uma vaga pelo sistema de cotas

A tão sonhada aprovação no vestibular finalmente foi alcançada e o dia da matrícula chegou com todas as suas exigências no que se refere à documentação comprobatória para assegurar a vaga conquistada através do sistema de cotas da Universidade Federal do Pará – UFPA, uma das pioneiras entre as universidades brasileiras na implantação desse sistema e que recebe anualmente pelo menos quatro mil cotistas.

Também chamada de ação afirmativa, o sistema de cotas (Lei Federal 12.711/2012 de 29 de agosto de 2012) é uma forma de reservar vagas para determinados grupos. O sistema de cotas foi criado para dar acesso a negros, índios, deficientes, estudantes de escola pública e de baixa renda em universidades, concursos públicos e mercado de trabalho. Mas o melhor exemplo desse sistema no Brasil é, sem dúvida, a política de cotas nas universidades. As medidas de cotas raciais e cotas sociais implantadas pelo governo ajudam no acesso de grupos específicos, que podem ser grupos étnicos ou raciais, classes sociais, imigrantes, deficientes físicos, mulheres, idosos, dentre outros, na concorrência com o resto da população.

A política de cotas nas universidades federais visa a aumentar a escolaridade e a renda de negros, pardos e indígenas. A separação das vagas para cotistas hoje passa por critérios raciais e socioeconômicos: 50% das vagas das universidades federais e instituições federais de ensino técnico de nível médio seriam destinadas a alunos que cursaram integralmente o ensino médio em escolas públicas e preenchidas em proporção no mínimo igual à de pretos, pardos e indígenas na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição. Das vagas para os cotistas, metade devem se destinar aos alunos que, além de cumprir os dois critérios acima mencionados, tenham renda familiar inferior a 1,5 salários mínimos.

Esta política tem ajudado a modificar a estrutura ocupacional do País e permitido aos pardos, negros e indígenas terem mais acesso a novas profissões. Estudos mostram que a política de cotas tem sido efetiva na garantia de maior acesso ao ensino superior no Brasil, juntamente com outras políticas do governo, e é um instrumento eficaz para o combate das

desigualdades raciais em relação a igualdade que pode neutralizar as diferenças, conforme o sociólogo português Santos (2003, p. 56)

[...] temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença, nossa igualdade nos descaracterizam. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não nos inferiorize; e temos o direito a ser diferentes quando ela produz, alimenta ou reproduz as desigualdades.

Graças ao regime de cotas pude ter minha entrada na Universidade garantida, pois estas me auxiliaram na questão econômica, cor, e também por ter estudado em escolas públicas. Direitos estes que me foram assegurados graças ao compromisso da instituição em cumprir a lei outrora estabelecida. Tornando todos que assim como eu que no ato da inscrição puderam assinalar estas afirmativas e depois de aprovados comprova-las ingressarem na maior Universidade federal do Norte do País.

17. Iniciando a formação profissional

Ao iniciar a formação na universidade, ainda trabalhava como atendente em uma cantina de escola particular, e logo percebi que não seria tão fácil esta jornada. Muitas leituras, novos conceitos, metodologias interdisciplinares, elaboração de artigos e projetos, Ufa! Que loucura. Era aluna do turno da noite, então estava dando para conciliar trabalho e universidade, mas não queria mais perder tempo. Precisava me dedicar mais aos meus estudos que agora seria para a carreira profissional que havia escolhido.

Certo dia, servindo as professoras na hora do intervalo, ouvi que surgira uma vaga para estagiária, prontamente me candidatei, preparei o currículo e entreguei na secretaria da escola. Era conhecida pelo trabalho que há anos realizava no Clube de Desbravadores com compromisso e responsabilidade, desenvolvendo de certa forma o currículo da docência com crianças, jovens e adolescentes, e agora como professora em formação. Acabei recebendo a oportunidade e conquistei a vaga.

18. Do estágio extracurricular em escola da rede Adventista de Educação⁴

⁴ A Rede Adventista de Educação é mantida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia e está presente em mais de 165 países com aproximadamente 1,8 milhão de alunos. Há mais de 120 anos no Brasil conta com mais de 450 unidades escolares que oferecem da Educação Básica à Pós-graduação, além de 15 colégios em regime de internato.

Houve um pequeno inconveniente pelo fato de o curso ser pouco conhecido. Por isso precisei explicar o quanto ele era abrangente e cumpria os requisitos necessários para contar no estágio de docência extracurricular. Um dos critérios era que, para trabalhar com crianças em rede particular precisava ser pedagoga, ou estar cursando a faculdade de pedagogia. Tão logo levei a matriz curricular do curso e documentos da universidade comprovando o que havia explicado sobre o curso, tudo se resolveu e fui aceita.

Posso afirmar que fui pioneira do curso de Licenciatura Integrada a trabalhar como estagiária na rede Adventista de Educação. Foram dois anos de estágio nessa escola. Ora assumia as turmas como substituta, ora como professora auxiliar, sempre procurando colocar em evidência meus saberes e práticas docentes internalizados durante o curso de formação. Tive a oportunidade de sempre relacionar teoria e prática, uma das propostas do curso.

Nesse ínterim meu esposo fez novamente o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM e foi aprovado no curso de Bacharelado em direito na Universidade Federal do Pará. Menciono este fato porque não mais estaria sozinha, teria também sua companhia no ir e vir para a universidade, e como o meu era um sonho que se tornaria realidade. Dividir a realização dos sonhos com quem se ama não tem preço.

Por fidelidade aos meus princípios religiosos e não frequências às aulas de sexta feira à noite, senti dificuldades de continuar a estudar neste turno. Devido a isso, alguns temas eu fazia junto a turma do turno vespertino, graças a compreensão de alguns professores do curso. Ao final do segundo semestre, em razão de todos os problemas enfrentados, decidi solicitar transferência para o turno vespertino.

Como a turma da tarde já vinha em um processo de construção de amizade, e já existia grupos por afinidades, minha adaptação foi lenta e às vezes complicada, devido a idades variadas e estilos de vida diferentes.

Nesta turma existiam Quatros grupos formados o do paredão de trás, o do paredão da frente, o grupo do meio e os outro que entravam e saiam dos grupos quando era preciso eu fiquei ali transitando em todos. Mas ao final do curso nos últimos trabalhos fiquei sozinha. Descrevo melhor estes fatos nas minhas inquietações, no início deste memorial

Devido ao trabalho, fiquei reprovada no sexto semestre em um dos temas que exigia pesquisa e catalogação de dados. Na escola, o estágio remunerado estava exigindo planejamento e esforço, e devido a estes fatores não dispunha mais de tempo necessário para

minha formação acadêmica. Então percebi que exercer a função de professora era totalmente diferente do que havia imaginado, pois as complexidades e especificidades que envolvem esta profissão são imensas. Para se atuar como educadora é preciso criar metodologias, aula dinâmicas, pesquisas e todas estas atividades demandam tempo.

Para explicar Morán (2014, p. 18) afirma:

Desafios e atividades podem ser dosados, planejados e acompanhados e avaliados com apoio de tecnologias. Os desafios bem planejados contribuem para mobilizar as competências desejadas, intelectuais, emocionais, pessoais e comunicacionais. Exigem pesquisar, avaliar situações, pontos de vista diferentes, fazer escolhas, assumir alguns riscos, aprender pela descoberta, caminhar do simples para o complexo. Nas etapas de formação, os alunos precisam de acompanhamento de profissionais mais experientes para ajudá-los a tornar conscientes alguns processos, a estabelecer conexões não percebidas, a superar etapas mais rapidamente, a confrontá-los com novas possibilidades.

O educador precisar desafiar-se a encontrar maneiras de o aluno tornar seu aprendizado eficaz, criar possibilidades e flexibilizar suas práticas educativas como afirma o autor.

Muitas atividades que precisavam ser feitas para o meu trabalho, eu levava para casa e as tarefas que professores delegavam, como leituras e planejamentos, fazia no meu trabalho nos intervalos das aulas. Era muito difícil assumir todas as responsabilidades, mas eu tinha certeza que a recompensa viria no final, precisava só perseverar. Como estagiária, procurei aproveitar todas as oportunidades de crescimento que surgiram. Sempre que fui solicitada a substituir uma professora, não me negava. Para buscar meu crescimento a fim de estar preparada, para quando houvessem as solicitações, me dedicava as aulas que eram ministradas na universidade com afinco. Procurava através do conteúdo que os professores ministravam no curso, e nas oficinas que eram ofertadas, manter-me em constante crescimento, construindo novos conceitos, alargando meus conhecimentos e habilidades de compreensão dos saberes científicos e levando-os para a sala de aula.

Além do estágio extracurricular remunerado, existiam também os estágios de docência supervisionados na matriz curricular do curso. Em ambos, descobri a realidade nua e crua da educação em ambientes formais, nas esferas estadual e municipal. Presenciei escolas sucateadas, com pouca ou nenhuma estrutura para que o aprendizado ocorresse de modo profícuo.

Passados dois anos do estágio, cursando o sexto semestre, fui convidada a ocupar a vaga de professora regente do primeiro ano na escola adventista. A proposta foi feita pela

direção da escola devido a minha desenvoltura ao lidar com todas as séries por quais passei. Dedico esta promoção ao crescimento intelectual e desenvolvimento das habilidades proporcionado pelos conteúdos científicos apropriados no contexto da universidade.

Trabalhei sempre com a perspectiva de crescimento, desde o início me coloquei à disposição para atuar onde houvesse necessidade. Foram seis meses no jardim II, terceiro ano, segundo ano e primeiro ano e, posteriormente, assumi a vaga como professora regente no dia primeiro de setembro de 2015.

Sobre isso Freire (1994, p. 24) comenta:

É na inconclusão de ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e Homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. É também na inconclusão que nos tornamos e que nos insere no movimento permanente de procura que se alicerça na esperança.

E quando acreditamos estar prontos, começamos novamente a nossa construção como seres pensantes, que necessitam de uma autorreflexão de conceitos e valores inerentes as concepções de seus conhecimentos pré- adquiridos. Com isso, chegando à conclusão de que precisa de mais e a busca reinicia afim de tornar-se cheio e capaz de compartilhar com outros estes novos saberes.

19. A docência na prática e diálogos com a formação na licenciatura

Na condição de professora de uma rede que visa promover por meio da educação cristã, o desenvolvimento das capacidades físicas, intelectuais, sociais, morais e espirituais dos educandos, formando-os cidadãos pensantes e preparados para a vida, meu sentimento era de gratidão e felicidade. Estava me realizando profissionalmente.

Na universidade minha formação estava se aprimorando cada dia mais. Porém, faltando apenas dois semestres para terminar o curso, uma greve foi deflagrada. Meses de angústia e cobrança da escola onde trabalhava. Minha permanência no quadro de funcionários dependia da conclusão do curso...Mas como? Não dependia de minha vontade...

Percebi com isso, a importância de possuir um diploma que me habilitasse como profissional qualificado na área de atuação. Contudo, a exigência não era só da escola, tratava-se de uma exigência legal estabelecida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seu art. 61, inciso I (BRASIL, 2017):

Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são: (Redação dada pela Lei nº 12.014, de 2009)

I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio; (Redação dada pela Lei nº 12.014, de 2009) [...]

A sociedade exige de você a profissionalização, mesmo não lhe oferecendo as oportunidades claras para alcançá-la. Mas a sua função como professora deve atender a necessidade de seu público alvo, no meu caso alunos dos anos iniciais e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) com os quais tenho o compromisso de promover uma educação transformadora.

Freire (1987, p. 32) acrescenta:

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na inversão da práxis, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens.

Diga-se tarefa como prática docente com intuito de que o sujeito tenha condições concretas de concepções de novos pensamentos e redefinição de sua existência. Sendo eu mesma transformada constantemente com minha prática, mostrando que a educação é mais que um exercício individual é uma forma de modificação social.

Então, para que a profissão professor não esvazie, Libâneo (2000, p.84) salienta que “necessita-se de melhores salários, condições de trabalho, melhor qualificação, estabilidade das equipes nas escolas, servindo também para reconfigurar o papel deste professor”. Tais condições deveriam ser o mínimo para que o professor e a equipe profissional que lida com os alunos, conseguissem atingir alvos concretos de escolarização, quer seja da educação infantil ou de um público carente de práticas adequadas renovadoras como os alunos da EJA, em respeito ao que se estabelece nas relações de ensino-aprendizagem.

19.1 As recompensas na experiência docente

Ao final do primeiro ano, durante o qual exerci a função de professora regente, senti-me recompensada. Meus alunos haviam correspondido as minhas expectativas, bem como as da administração e dos pais. Estavam iniciando a leitura de pequenos textos, desenvolvendo também a escrita e interpretação de pequenas histórias. Nos conteúdos matemáticos, busquei

ensiná-los por meio da metodologia da modelagem matemática⁵, com jogos e o fazer brincando, conforme ia discutindo tais modos de ensinar na universidade.

Para que meus alunos iniciassem a leitura e a escrita, utilizei de práticas que havia presenciado na universidade no eixo Alfabetização e Letramento. Uma delas foi a dinâmica dos nomes, que consistia em o aluno localizar no alfabeto móvel as letras que integravam o seu nome e depois tentavam ler o que havia escrito, e depois o aluno precisava andar pela sala e encontrar outros nomes de coleguinhas que iniciavam com a letra de seu nome. Outra técnica era a de desenhos e a leitura de histórias em livros infantis. Uma vez por semana ia com eles para a biblioteca da escola, e ali deixava-os livre para que escolhessem o livro que quisessem, e permitia que estes livros fossem para casa com eles, em uma sacolinha plástica colorida e ornamentada só para este fim. Quando os alunos traziam o livro de volta, eles elaboravam os desenhos referentes a estorinha que haviam lido em casa, claro que os pais é que liam a estorinha para eles, e a partir dos desenhos as crianças precisavam elaborar pequenos textos sobre eles, inventando estorinhas, que não estavam escritas corretamente, mas que ao longo do ano foram melhorando.

Para que houvesse tais melhoramentos, corrigia reescrevendo no quadro as estorinhas e depois lia com cuidado, pedindo a eles que tentassem me acompanhar nesta leitura. Ao final do ano a maioria já lia suas estorinhas e os conteúdos dos livros didáticos. Considerando que os alunos são potencialmente hábeis no processo de assimilação de assuntos que chamam sua atenção, a aquisição da leitura e escrita se tornam atrativos quando trabalhados com desenhos e estórias que eles mesmos criam, e depois expor em pequenos varais, para admiração dos pais e reconhecimento merecido pelo esforço em aprender.

Para Ferreiro (1996, p. 144):

A leitura e escrita são sistemas construídos paulatinamente. As primeiras escritas feitas pelos educandos no início da aprendizagem devem ser consideradas como produções de grande valor, porquê de alguma forma os seus esforços foram colocados nos papéis para representar algo.

Assim, ao passo que atuava na profissão, ia exercitando em minha própria prática, as orientações recebidas nas aulas dos professores formadores do curso de licenciatura Integrada. Cada assunto novo que pudesse contribuir com minhas aulas eu buscava levar para minha sala

⁵ Modelagem matemática é uma perspectiva, algo a ser explorado, o imaginável e o inimaginável. É livre e espontânea, ela surge da necessidade do homem em compreender os fenômenos que o cercam para interferir ou não em seu processo de construção. (<http://tecciencia.ufba.br/modelagem-matematica/o-que-e-modelagem-matematica>)

de aula, bem como o auxílio que recebia dos professores em relação a dúvidas que me afligiam em relação ao fazer docente. Isso tudo se refletiu na satisfação da diretora da instituição, que se dirigiu a mim dizendo que eles confiaram em minha capacidade, e que apesar de não possuir um diploma, minhas práticas docentes eram completas. Experimentei o sentimento de dever cumprido e buscava cada vez mais retribuir a confiança, dedicando-me ainda mais em minha constituição docente.

Nesse tempo como docente, estabeleci vínculo de parceria com os meus alunos e até com os pais cuja participação foi recíproca. Jamais esquecerei meu primeiro 15 de outubro, dia dos professores na escola. Foram muitos presentinhos, e no meu aniversário os pais prepararam uma festa surpresa.

Como bem diz Piaget (2007, p. 50):

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...]

Sendo assim, esta busca voltada a aproximação, intervenção e consolidação dos laços, entre a escola e a família são extremamente dialéticas. Pois uma oferece tratamento especializado na intermediação dos conhecimentos cognitivos e suas características, em contrapartida a família prepara o psíquico, fortalecendo os afetos e sentimentos de forma favorável ao desenvolvimento da criança, criando uma atmosfera de parceria das aprendizagens educacionais em qualquer ambiente institucionalizado ou não.

Como recordação destes momentos guardo uma caixa cheia de bilhetinhos e corações com recadinhos carinhosos e afetuosos de meus alunos reforçando ainda mais meu desejo de finalizar minha formação acadêmica e poder devolver para eles em forma de uma aprendizagem significativa e completa. Isso tudo foi muito marcante, revigorante, gratificante e estimulador para continuar trilhando o caminho docente numa relação de cumplicidade e respeito com meus alunos e seus familiares.

Em relação a isso Freire (1987, p. 33) fala:

Quanto mais analisamos as relações educador-educandos, na escola, em qualquer de seus níveis, (ou fora dela), parece que mais nos podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante – o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras.

Ao analisar minha experiência docente, com pais que faziam questão de acompanhar o desenvolvimento de seus filhos, indo as reuniões na escola, participando dos projetos de feiras culturais, acompanhando os filhos em passeios, cabe a reflexão do quanto se torna necessário esta participação para que o aluno construa bases sólidas em sua personalidade, desenvolva um caráter altruísta que se refletirá ao longo de sua vida. Como diz Arroyo (2000, p. 166) “os aprendizes se ajudam uns aos outros a aprender, trocando saberes, vivências, significados, culturas. Trocando questionamentos seus, de seu tempo cultural, trocando incertezas, perguntas, mais do que respostas, talvez, mas trocando”. Esta troca de conhecimentos, experiências entre os pais foi e é essencial para que todo o processo de aprendizagens conseguisse realmente ser significativo, onde o retorno foi notado pelos pais em casa, ao final do ano letivo.

20. Dos estágios

Uma etapa muito importante do currículo do curso são os estágios realizados como parte da carga horária para que o aluno tenha uma preparação adequada como futuro educador. São deslocados para as escolas conveniadas com a universidade, a fim de observarem e colocarem em prática os temas tratados em sala. Estas práticas ocorrem nos três últimos semestres e são distribuídos conforme o currículo da educação infantil dentro dos Parâmetros Curriculares Nacional – PCN (1º ciclo - 1º ao 3º ano; 2º ciclo – 4º ao 5º ano; e EJA – 1ª e 2ª totalidade).

Durante esse período de estágios de observação e prática, pude verificar a rotina das escolas nas quais estava inserida. Isso me levou à reflexão das inúmeras possibilidades que esta profissão, pouco valorizada, mas tão necessária para o contexto social brasileiro, possui. Pude externar conceitos consistentes adquiridos na academia, estabelecendo uma ponte com vivências e saberes adquiridos ao longo da vida, favorecendo o desenvolvimento de saberes.

20.1 Estágio final no curso de Licenciatura Integrada: EJA

No último período do curso, tive a oportunidade de retornar ao contexto da Educação de Jovens e Adultos – EJA, agora não mais como aluna dessa modalidade de ensino, mas na condição de professora em formação, que estava concluindo seu curso. Este talvez tenha sido um dos momentos mais marcantes nesta minha caminhada de formação no ensino superior. Tínhamos que realizar o estágio curricular do curso e o espaço era a EJA. As vivências e

observações aconteceram no tema Estágio de Docência III, em uma escola estadual, em uma turma de primeira etapa da Educação de Jovens e Adultos – EJA. O estágio teve a duração de 3 meses em uma turma com dez alunos no turno da noite.

Gostaria de frisar que retornar a este espaço escolar foi como se estivesse revivendo o passado, não em termos do mesmo nível de escolaridade, mas as situações semelhantes que outrora vivi neste contexto de ensino. Referente a Educação de jovens e adultos Freire (1999, p. 41) comenta que:

A nova concepção de jovens e adultos põe em cheque as práticas atuais, uma vez que ela, pede uma verdadeira organização reticular (em redes), no interior de sistemas formais, inovações, maior criatividade e flexibilidade. Será necessário enfrentar desafios, manejando com a educação de adultos, dentro de novas abordagens, na perspectiva da educação, ao longo de toda a vida (...)

As práticas que envolvem a Educação de Jovens e Adultos – EJA, precisam ser atualizadas, pois ainda há muito que a ser feito nesta vertente da educação. Sobre isso Sérgio Haddad⁶ (1993, p. 86) comenta que “Falar sobre Educação de Jovens e Adultos no Brasil é falar sobre algo pouco conhecido. Além do mais, quando conhecido, sabe-se mais sobre suas mazelas do que suas virtudes”, ou seja, precisamos contribuir para que este quadro mude e espero poder fazer parte desta mudança.

Dentre minhas observações envolvendo a EJA, irei destacar o que mais me comoveu, ou seja, o espaço voltado à adequação do adulto no ambiente institucionalizado, tendo em vista a formação desse sujeito, que merece uma atenção maior no desenvolvimento de metodologias facilitadoras das aprendizagens que devem ser significativas. O que percebi não correspondia a isso.

Destaco como o ambiente escolar pode influenciar de forma relevante no desenvolvimento do ensino-aprendizagem dos alunos no processo de alfabetização e letramento. As Influências que podem ocorrer de forma negativa ou positiva daqueles que

⁶ Graduado em Economia pela Universidade de São Paulo (1971), em Licenciatura, em Pedagogia pela Faculdade de Educação e Ciências Pinheirense (1971), mestrado em História e Sociologia da Educação pela Universidade de São Paulo (1982) e doutorado em História e Sociologia da Educação pela Universidade de São Paulo (1991). Professor visitante no Centro de Estudos Brasileiros na Universidade de Oxford. Atualmente é assessor da Ação Educativa, Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, foi membro do CDES Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República. Participou do Conselho Técnico Científico de Educação Básica da CAPES. Foi professor do Programa de Pós-graduação em Educação Currículo da PUC-SP. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Tópicos Específicos de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, educação de jovens e adultos, educação de adultos, educação popular e terceiro setor.

frequentam estes espaços formais, que visam a educação, socialização e integração na sociedade.

A escola como um todo possuía três pavilhões de cinco salas e um pavilhão central onde ficavam localizados: a cantina, as salas da diretoria e coordenação, secretaria e a biblioteca. A turma ficava em uma sala nos fundos da escola depois da cantina em uma ala mais isolada. Os alunos haviam sido deslocados para a biblioteca para não correrem risco de ficarem desprotegidos, posto que havia ocorrido assaltos e até mesmo problemas com tráfico de entorpecentes. O muro era baixo e não oferecia segurança nenhuma, facilitando o problema, conforme a própria professora me confessou em conversa reservada.

Nesta turma existiam diferentes tipos de alunos sem e com dificuldades de aprendizagem tais como; Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - T. D. A. H., baixa visão, Deficiência Intelectual - D. I., problemas de fala, e outros. Uma turma composta por alunos jovens, mães e pais de família, senhores e senhoras de idade.

Ainda sobre a EJA e os sujeitos que a frequentam, Oliveira (1999, p.59 a 73) afirma que “mesmo constatando que aqueles que conseguem ter acesso aos programas de Educação de Jovens e Adultos são os ‘com as melhores condições’ entre os mais pobres, isto não retira a validade intencional do seu direcionamento aos excluídos”. Isso quer dizer que a clientela do ensino da EJA é heterogênea e se constitui das mais diversas faixas etárias, culturais e camadas sociais. Nenhuma destas especificidades os livra do fato de sua vida escolar ter sido interrompida e serem considerados excluídos do ensino dito “normal”.

21. Do ambiente no estágio da EJA

A escola possui uma biblioteca em uma sala ampla, com estantes, livros, mesas, cadeiras, aparelho de televisão, quadro magnético, que mesmo não sendo utilizada de forma correta como espaço de leitura e pesquisa, serve aos alunos daquela escola, e no momento estava sendo utilizada, também, como sala de aula para a turma da EJA, que ocupava grande parte da mesma, tornando-a pequena para o movimento dos alunos.

Aliado a esses fatores, existia a dura realidade de falta de recursos dos materiais didáticos pedagógicos necessários para que as práticas de ensino nas aulas fossem mais contextualizadas e atrativas, por exemplo, ábaco, alfabeto móvel, computador, material reciclável, entre outros. Isso de fato não correspondia ao espaço e condições adequados para a

aprendizagem acontecer. O ambiente não havia sido preparado para ser uma sala de aula para alunos da EJA.

Minha concepção de um espaço adequado ao aluno da EJA seria primeiramente onde o tradicional fosse deixado de lado e o aluno pudesse não se sentir oprimido por qualquer situação no seu cotidiano escolar. Uma sala adequada para as dificuldades de aprendizagem, onde a ludicidade fosse trabalhada. Também que lá houvesse flexibilidade de tempo, aliado a isso acomodações que não restringissem seu ir e vir, para que estes sujeitos pudessem visualizar letras, formas, mapas, ouvissem músicas. Haveria também lanhe para aqueles que vêm direto do trabalho; a partir destes instrumentos poderiam desenvolver-se em interação e aprendizagem.

Alunos com as mais variadas dificuldades de aprendizagem como os que ali frequentavam, precisavam ter mais espaço para ter concentração, não só da turma que estava locada, mas outros que por precisarem de reforço em alguma matéria eram para ali deslocados nos seus contraturnos, para receberem reforço que geralmente ocorriam à noite.

Para os alunos do diurno que precisam de reforço, havia uma professora que trabalha em escolas do estado e da prefeitura, profissional na educação de alunos especiais, que vinha à noite para ensiná-los. Quando isso ocorria, os alunos da EJA precisavam acomodar-se nas mesas redondas com cadeiras, que às vezes não eram suficientes.

Mais uma vez o espaço se tornava impróprio para que todos estes alunos das mais variadas idades e dificuldades de aprendizagem pudessem assimilar o que suas professoras estavam tentando lhes ensinar. Isso porque elas precisavam falar ao mesmo tempo para explicarem os conteúdos. O fato de todos ficarem no mesmo espaço tendo objetivos distintos, alunos do reforço e alunos da EJA, tornava tudo mais complicado.

22. Do meu papel como agente de mudança

Sobre essa questão é interessante mencionar que o professor necessita ter consciência do seu papel como transformador, no contexto educacional e defender a qualidade do ensino a que se propõe e garantir ao seu aluno uma educação de qualidade, oferecendo oportunidade de uma desenvoltura contínua em um local que o mesmo possa não sentir se intimidado a colocar suas dúvidas, sendo o professor mediador causando reflexões naquele que é objeto de sua

prática, levando assim o aluno a desenvolver seu próprios conceitos sobre os temas tratados em sala de aula.

Em relação a esta questão Freire (1999, p. 60) explica que:

(...) a alfabetização do homem brasileiro em posição de tomada de consciência. Na emersão que fizera no processo de nossa realidade. Num trabalho com que tentássemos a promoção da ingenuidade em criticidade, ao mesmo tempo em que alfabetizássemos (...) pensa vamos numa alfabetização direta e realmente ligada a democratização da cultura, que fosse uma introdução a esta democratização (...) numa alfabetização que fosse em si um ato de criação, capaz de desencadear outros atos criadores. Numa alfabetização em que o homem, porque não fosse seu paciência, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a vivacidade, características dos estados de procura, de invenção e reivindicação.

O professor conhecendo a realidade de seus alunos deve trabalhar com assuntos e temas alfabetizadores, e situações que venham elencar assuntos que provoquem discussões com a garantia da internalização dos temas discutidos em sala e da eficácia do aprendizado. A mediação dos temas precisam causar no sujeito inquietações e provoquem a assimilação de sua complexidade dentro do contexto social.

Neste sentido Arroyo (2000, p. 19) salienta que:

Podemos constatar que os coletivos docentes se debatem com esta questão. Uma porta de entrada para repensar e reorientar os currículos podem ser as novas sensibilidades para as identidades docentes, as mudanças em nossa consciência profissional de trabalhadores em educação. Mudanças em nosso Ofício de Mestres.

Precisamos ter consciência do nosso papel como formadores de sujeitos. É preciso ainda pensar em métodos que superem os problemas do cotidiano escolar. Para isso deve-se atuar na formação continuada de professores, coordenadores de modo efetivamente promovendo a integração e o fortalecimento de suas metodologias e especificidades na EJA.

23. Das situações que causam ruídos na educação da EJA

Outra situação com a qual me deparei desde o início do estágio era a presença de estagiárias de outra instituição de ensino que estavam no local também realizando seu estágio e, frequentemente, ficavam em seus celulares acessando as redes sociais, rindo, atrapalhando a concentração dos alunos. Sentia-me muito incomodada com a postura desses futuros profissionais, agindo desse modo num total desrespeito com os alunos. Estes, que não estavam acostumados com isso, ficaram muito mais incomodados. Era notória a insatisfação de todos...

A bibliotecária era uma senhora extrovertida, alegre e receptiva com todos que por ali passavam. Por um lado, seu desprendimento era bem vindo, por outro, no horário de aula dos alunos, se tornava algo impróprio ou inconveniente, pois conversas paralelas tiravam a concentração dos alunos.

Houve ainda dois fatos que cabem ser relatados por reforçarem e solidificarem meu desejo de enfatizar o papel do ambiente escolar da Educação de Jovens e Adultos, fazendo-me refletir nas minhas futuras práticas de ensino para este público. O primeiro ocorreu quando em uma das noites que chegamos cedo para acompanhar a turma, os alunos estavam do lado de fora da biblioteca, sua sala provisória e improvisada, conforme mencionado. A professora estava em reunião na administração com os outros professores, que depois ficamos sabendo estavam procurando solução para a evasão de alunos daquela etapa da EJA, e tentando elaborar projetos a fim de atrair novos alunos.

Na atual conjuntura da educação de Jovens e adultos, há necessidade gritante de modificação, de revisão de currículo, de metodologias e práticas inerentes a suas especificidades para atender ao público que em sua grande maioria são carentes de conhecimento científicos. A instituição escolar precisa oferecer melhores oportunidades de ensino, uma destas poderia ser o uso das tecnologias e jogos atraindo estes que já sofrem por não conseguirem adaptação aos espaços que deveriam ser de acolhimento e aprendizagem.

Do lado de dentro da sala havia uma professora corrigindo prova na biblioteca. Esta professora havia acendido um incenso para espantar carapanãs, e por ser época de chuvas a sala era muito úmida e mofada devido aos livros e outros materiais da escola que eram guardados naquele local e quando ligavam o ar condicionado piorava muito a qualidade do ar ali dentro.

Como forma de melhorar esta situação, a professora acendia incenso, mas o cheiro estava incomodando os alunos e eles disseram que não era a primeira vez, por isso estavam aguardando para ver se o odor amenizava. Nesta noite, eles passaram o tempo todo da aula falando do mau cheiro que havia se instalado no local. Aquele ambiente que deveria ser de aprendizado, agradável e alegre acabou se tornando um espaço de reclamação e insatisfação. Como aprender nesse cenário?

Exponho também outros fatores que impediam os alunos locados na biblioteca de obterem aprendizado adequado como, funcionários que por ali transitavam, e que paravam

para conversar mesmo durante as aulas que estavam ocorrendo, provocando assim a desconcentração dos alunos.

Outro ponto a se destacar relativo ao ambiente oferecido aos alunos da EJA era a questão da iluminação da sala, ou melhor, da biblioteca, pois alguns alunos que possuíam baixa visão reclamavam da iluminação.

24. Das reflexões proporcionadas pelo estágio na EJA

As observações destes fatos corroboram minha decisão de ajudar meus futuros alunos. Isto não descarta a hipótese de que não encontrarei barreiras e oposição, mas que desde já me leva a refletir sobre isso. É imprescindível a análise de qual mudança desejo causar nos indivíduos com quem entrarei em contato em minha carreira docente e como isto se refletirá em suas aprendizagens, ou seja, a maneira como as aprendizagens serão incorporadas por meio das interações promovidas por mim no ambiente escolar. Moreira (2007) afirma que:

O ambiente de aprendizagem escolar é um lugar previamente organizado para promover oportunidades de aprendizagem e que se constituem de forma única na medida em que é socialmente construído por alunos e professores a partir das interações que estabelecem entre si e com as demais fontes materiais e simbólicas do ambiente.

Freitas (2007) afirma que os educadores que trabalham com a EJA, vivem um grande paradoxo quanto ao exercício de suas funções. Esta realidade aponta para a necessidade de adoção de estratégias no âmbito escolar e de políticas, em âmbito municipal e estadual que revertam a situação da educação oferecida aos indivíduos da EJA.

Nesta perspectiva, a educação não oportuniza a estes sujeitos condições de mudança e sim de aceitação e submissão. E quando surgem barreiras ou empecilhos para que sua permanência em um ambiente escolar desfavorável, o abandono parece ser a única alternativa, infelizmente.

Na verdade pude verificar neste estágio, que os alunos quanto mais idosos voltam ao ambiente escolarizado, mais dificuldades possuem em assimilar o que lhes é ensinado, não buscando depreender esforços para aprender e ser alfabetizados, algo necessário para se tornarem parte da mudança social e econômica que se tornam necessários neste País.

Em consideração a este fato Freire (1997, p. 93) escreve:

A alfabetização (...) numa área de miséria, só ganha sentido numa dimensão humana se, com ela, se realiza uma espécie de psicanálise histórico-político-social de que vá resultando a extrojeção de culpa indevida. A isso corresponde a ‘expulsão’ do opressor de dentro do ‘oprimido’, enquanto sombra invasora. Sombra que, expulsa pelo oprimido, precisa de ser substituída por sua autonomia e responsabilidade (...)

Como professores devemos indicar o caminho da mudança para nossos alunos influenciando seu modo de agir e pensar da através da educação, que pode vir a ser usada para a própria libertação, libertando-se da própria ignorância, podendo assumir suas responsabilidades como cidadão, de modo mais crítico e situado.

De acordo com Andrade (2011) quando se analisa a educação de jovens e adultos obtém-se como referência a pluralidade do sujeito que fazem parte dela, e que estes “podem menos e obtém menos”. Por serem pessoas na maioria das vezes de baixa renda, não se acham capazes de mudar, conformam-se com o que tem. Mas esta realidade pode e deve mudar e isso acontecerá mediante a educação e sua capacidade de transformação.

As pessoas que procuram o ensino da EJA já chegam com uma carga de complexidades e vivências grande e pesada, e o educador precisa ser sensível a estes fatores em suas práticas de ensino. Elaborar projetos pedagógicos que envolvam seu alunado, empregando uma práxis que os beneficiem contribuindo com seu desenvolvimento escolar e social. Encontramos em Martinez et al (2009, p. 51) a seguinte afirmação

Que a educação intercultural supõe um processo permanente de construção de experiências de inovação e de transformação pedagógica e curricular nos diferentes cenários e situações educativas, nos quais diferentes sujeitos a façam possível, através de diversas lógicas, saberes e práticas para “produzir, revisar e intercalar saberes e conhecimentos.

Trabalhar na perspectiva de inclusão dos conhecimentos prévios saberes adquiridos pelos alunos em seu currículo, que contribuirá e enriquecerá as atividades que podem servir como proposta pedagógica em sua alfabetização. Cabe ao professor intercalar os conhecimentos através de diagnoses para abstração do que cada um sabe ou como poderá utilizar-se destes conhecimentos de forma científica.

25. Concluindo na perspectiva de um novo recomeço

“Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses”
(Rubem Alves).

Como as inquietações e as reflexões neste relato expressam, passei por grandes transformações, a partir das experiências que enfrentei em minha trajetória de vida. Caminhos que perpassaram por todos os níveis de escolaridades da educação básica a universidade e que me constituíram no que sou hoje. Influências do Clube de desbravadores e o que me levou a tomada de decisão do que pretendo ser e continuar sendo profissionalmente. Foram diversos momentos de superação, sofrimentos que me marcaram para sempre, mas que serviram de suporte para que fortalecesse minha decisão de fazer diferente.

Mas, para nos tornarmos diamantes precisamos ser esculpidos, e para termos sucesso é preciso crescer, correr atrás de seus objetivos e estudar. Foi o que fiz quando depois de várias tentativas me vi na Educação de Jovens e Adultos. Que depois na universidade seria meu ponto de referência quanto ao que fazer e o que não fazer com aqueles que precisam de uma educação libertadora como a minha foi para mim.

Santos (2016, p. 1351) enfatiza que a teoria de Bourdieu leva em consideração o fato de que cada ser humano é submetido a um processo de socialização diferente que o forma como um ser social e ao longo do tempo esse processo vai construindo também as relações de aprendizagem que acabam por transformar a percepção e a maneira de agir de cada um.

Preciso agora colocar em prática os conhecimentos científicos adquiridos na universidade e compartilhar com aqueles que precisam para que as minhas práticas sejam significativas da melhor maneira possível e realmente me tornar agente de mudança. Como referenciou Soares (1991, p. 31).

Olho para trás, observo o bordado, tento adivinhar o segredo do risco. E então vejo que não é um risco harmonioso, de um bordado em que, cada forma vai se acrescentando à anterior e a ela se ajustando. Há cortes bruscos de linhas que, de repente, se interrompem – plantas arrancadas – e o risco toma outra direção, tão diferente!

Sei que a caminhada não será fácil. Desde o momento que ingressei na escola primária até a finalização na academia ela não foi. Enfrentei dificuldades que como afirmei no início deste memorial não sei como superei, mas sei que recebi muita ajuda. Pessoas certas nos momentos certos me ajudaram a conquistar vitórias inenarráveis. Sobre isso Trindade (2000, p. 12 e 13) fala:

É só ativarmos a nossa memória e encontraremos, na nossa vida, professores e/ou professoras que nos influenciaram, nos tocaram, no mais profundo íntimo do nosso

coração, nos estimularam. Encontraremos também, aqueles (as), mais insignificantes ou ainda os/as que simplesmente nos prejudicaram.

A diversidade de culturas e pessoas encontradas nos ambientes de ação e formação aqui expostos tornou-se algo desafiador em minha trajetória, mas superar desafios deve ser o desejo e a missão de todo docente. E esta vontade de realização me ajudará a superar minhas dificuldades com relação às temáticas consideradas complexas na docência, tendo em vista as possibilidades e necessidades dos alunos.

Como futura educadora este pensamento serve como embasamento para que em minha práxis (ações concretas e refletidas), faça parte de meu compromisso com o objetivo de fazer sempre o melhor em prol dos educandos. Procurar conhecer a realidade de meus alunos buscando trabalhar com situações que venham ao encontro das necessidades de cada um e garantir, assim, a eficácia do aprendizado.

A esse respeito White (2004, p. 78) afirma:

O educador precisa conhecer o funcionamento da memória e os motivos que tornam uma informação mais interessante que outra. O educador estabelece prioridades e preferências de acordo com o que lhe é próprio ou familiar. Por isso os procedimentos e os recursos de ensino devem ser os mais variados, de forma que estimulem todos os sentidos.

Todos os momentos relatados neste memorial foram de extrema importância, depois de muitas lutas com muitas vitórias e também derrotas, e puderam me alavancar rumo ao sonho de me tornar uma professora formada dentro da maior Universidade da Região Norte do País. Chegará o dia, e eis que se aproxima de minha maior vitória. Receber o canudo com o diploma que me dará o respaldo para que possa exercer minha profissão que há muito escolhi e então exclamarei com todas as minhas forças: sou professora!

Referências

ABREU, Waldir Ferreira de. **O Trabalho de Socialização de Meninos de Rua em Belém do Pará: Um Estudo sobre a República do Pequeno Vendedor**. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/15941/15941_1.PDF> Acesso em 9 abr 2017.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagem e autoimagens**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2000.

ANDRADE, E. R. **Os sujeitos educandos na EJA**. Disponível em <http://www.forumeja.org.br/files/programa%203_O.pdf> Acesso em 11 abr 2017.

BRASIL. **Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Título VI: dos profissionais da educação. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em 10 abr 2017.

Conceito.de. **Conceito de práxis**. Disponível em <<http://conceito.de/praxis>> Acesso em 17 abr 2017.

CORREIO BRAZILIENSE. **MEC: escolas não devem reprovar nos 3 primeiros anos do ensino fundamental**. Disponível em <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/03/19/interna_cidadesdf,243455/mec-escolas-nao-devem-reprovar-nos-3-primeiros-anos-do-ensino-fundamental.shtml> Acesso em 9 abr 2017.

COSTANTINI, Alessandro. **Bullying, como combatê-lo: prevenir e enfrentar a violência entre jovens**. Trad. Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2ª ed. Campinas: Verus Editora, 2005.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo Humanitário**. São Paulo, Cortez / Brasília, INEP, 1989. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/45621785/Opusculo-Humanitario>>. Acesso em 9 abr 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Notas: Ana Maria Araújo Freire Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Disponível em <<http://forumeja.org.br/files/PedagogiadoOprimido.pdf>> Acesso em 10 abr 2017.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: 1987. Disponível em <<http://forumeja.org.br/files/PedagogiadoOprimido.pdf>> Acesso 9 abr 2017.

FREITAS, D. N. T. **Avaliação da Educação Básica no Brasil**. Campinas: Autores Associados. 2007.

HADDAD, Sérgio. **Anais do Encontro Latino-americano sobre Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – Brasília: 1993.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2000. Disponível em <<http://jne.unifra.br/artigos/4741.pdf>> Acesso em 11 de abr 2017.

LOYOLA, Maria Andréa. **Pensamento contemporâneo: Pierre Bourdieu**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=nAiasOddyh0&nohtml5=False>> acesso em 30 de abr de 2017.

MARÇAL RIBEIRO, P. R. **Educação Escolar no Brasil: Problemas, Reflexões e Propostas**. Coleção Textos, Vol. 4. Araraquara, UNESP, 1990.

MARTINEZ, Albertina Mitjáns. **Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira**. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)*, Campinas, v. 13, n. 1, p. 169-177, June 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572009000100020&lng=en&nrm=iso> Acesso em 11 abr 2017.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2014.

MOREIRA, Adelson F. **Ambientes de Aprendizagem no Ensino de Ciência e Tecnologia**. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007.

MORGI, Daiani Cristina. **Memorial de formação. Educação: minha vida. Trabalho de conclusão de curso (graduação)**, 2005, UNICAMP. Disponível em <<https://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=15525>> Acesso em 10 jan 2017.

MOURA, Tania Maria de Melo **A prática pedagógica dos alfabetizadores dos jovens e adultos: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky**, 1 ed. Edufal 1999.

NÓVOA, António. **Vidas de professores**. Coleção Ciências da Educação. Porto. Portugal: Porto editora, 1992.

PEREIRA TEIXEIRA, Marco Antônio; Garcia Dias, Ana Cristina; **Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo** Paidéia. Vol. 20, núm. 45, abril, 2010. Universidade de São Paulo: Ribeirão Preto, Brasil. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305423775015>> Acesso em 9 abr 2017.

PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

PRADO, Maria Ester. **Família/Escola: A importância dessa relação no desempenho escolar, disponível** <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-8.pdf>> Acesso em 17 abr 2017.

PRAXEDES, Walter. **A educação reflexiva na teoria social de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

RUBEM. Alves. **Frases de Rubem Alves.** Disponível em <https://pensador.uol.com.br/frases_de_rubem_alves/> Acesso em 17 abr 2017.

SANTOS. B. C. dos. **As principais contribuições de Pierre Bourdieu para a educação.** Disponível em <http://www.ppe.uem.br/xxivuniversitas/anais/trabalhos/e_6/6-004.pdf> Acesso em 17 abr 2017.

SANTOS. B. S. (Org.) **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SOARES, Magda. **Metamemória – Memórias: travessia de uma educadora.** São Paulo, SP: Cortez, 1991.

TECCIÊNCIA. **Modelagem matemática: O que é Modelagem Matemática?** Disponível em <<http://tecciencia.ufba.br/modelagem-matematica/o-que-e-modelagem-matematica>> Acesso em 17 abr 2017.

TEIXEIRA. Hélio. **O que é zona de desenvolvimento proximal?** Disponível em <<http://www.helioteixeira.org/ciencias-da-aprendizagem/o-que-e-zona-de-desenvolvimento-proximal/>> Acesso em 30 abr 2017.

TELES. Isabel de Souza Romaneli. **MEMORIAL REFLEXIVO: história e análise de uma trajetória profissional docente.** (Dissertação de mestrado), UNICOR, 2011. Disponível em <http://www.unicor.br/images/arquivos_mestrado/.../isabel_de_souza_romaneli_teles.pdf> Acesso em 10 jan 2017.

TRINDADE, Azoilda Loretto e SANTOS, Rafael dos. (Orgs.). **Multiculturalismo: Mil e uma faces da escola.** 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2000.

WHITE, Ellen G. **Educação: Um modelo de ensino Integral.** 1 ed. Tradução Flávio Lopes Monteiro. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

WHITE, Ellen G. **Pedagogia adventista.** 1 ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WADSWORTH, Barry. **Inteligência e Afetividade da Criança.** 4. Ed. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli, 1996.